

Revisitando o *status* do pronome *cê* no português brasileiro¹

Revisiting the status of the pronoun *cê* in Brazilian Portuguese

Gabriel de Ávila Othero
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo

Um pronome pessoal que atualmente vem ganhando destaque no quadro pronominal do português do Brasil (PB) é o pronome **você**. Alguns estudos recentes sobre gramática do PB consideram que uma evolução natural desse pronome o levará às formas **ocê** e **cê**, o que completaria sua história evolutiva na língua (isto é, **vossa mercê** > **vosmecê** > **você** > **ocê** > **cê**). No entanto, como pretendemos mostrar por meio de uma análise distributiva, acreditamos que **você** e **cê** têm características sintáticas e prosódicas que lhe são distintivas e peculiares. Mais do que isso, acreditamos que a forma **cê** seja um tipo de pronome de um tipo diferente em PB, que não pode ser confundido nem com um pronome tônico (como é o caso de **você**), nem com um pronome clítico. Acreditamos estar frente à criação de uma nova forma morfológica na língua, talvez um **pronome fraco**, na terminologia proposta por Cardinalletti e Starke (1999), tal como também defende Petersen (2008), talvez um pronome pleno **em processo** de cliticização, como afirmam Vitral e Ramos (2006, 2008).

Palavras-chave

Pronomes, Sintaxe, Prosódia.

Abstract

A personal pronoun that is becoming more and more frequent in Brazilian Portuguese (BP) is the pronoun **voçê** ('you'). Some recent studies on BP grammar claim that a natural evolution of this pronoun will lead to the forms **ocê** and **cê**, and that it would complete its 'evolutionary history' in the language (**vossa mercê** > **vosmecê** > **voçê** > **ocê** > **cê**). However, as we intend to show through a distributional analysis, we believe that **voçê** and **cê** are actually two different personal pronouns, with their own and peculiar syntactic and prosodic features. More than that, we claim that the form **cê** is a different type of pronoun, not to be mistaken by either a tonic pronoun (such as **voçê**), or by a clitic pronoun. We believe we are facing the appearance of a new morphological form in the language, maybe a "weak pronoun", in the terminology proposed by Cardinalleti e Starke (1999) and used by Petersen (2008), maybe a pronoun in process of cliticization, as stated by Vitral & Ramos (2006 and 2008).

Keywords

Pronouns, Syntax, Prosody.

1. Introdução²

Nosso trabalho discute o *status* do pronome *cê* em português brasileiro (PB), especialmente em comparação com o pronome *você*. Esperamos poder acrescentar nossas análises sobre essa interessante dupla de pronomes que vem ganhando espaço no quadro pronominal do PB e que já serviu de tema de investigação de outros trabalhos, como os estudos pioneiros de Vitral (1996) e Ramos (1997) (e trabalhos subsequentes)³ e, mais recentemente, o debate entre Petersen (2008) e Vitral e Ramos (2008). A sua frequência é atestada em todas as regiões do Brasil (cf. ILARI; BASSO, 2006, MOURA NEVES, 2008, CASTILHO, 2010, LORENGIAN-PENKAL, 2012, entre outros), o que ratifica a importância da investigação aprofundada dessas formas para os estudos pronominais em PB.⁴

A investigação do percurso diacrônico do pronome *você* na língua revela que ele, de fato, teve sua origem como expressão de tratamento (*vossa mercê*), tendo havido o estágio intermediário *vosmecê*, que foi abandonado (cf. VITRAL; RAMOS, 2006, por exemplo). E alguns estudos recentes sobre gramática do PB, como Castilho (2010), Bagno (2011) e Basso e Gonçalves (no prelo) consideram que uma evolução natural desse pronome o levará às formas *ocê* e *cê*, o que completaria sua história evolutiva na língua (isto é, *vossa mercê* > *vosmecê* > *você* > *ocê* > *cê*); uma história de gramaticalização, como propõem Vitral e Ramos (2006).

Na seção 2 deste texto, pretendemos mostrar que o pronome *cê* é **um tipo de pronome** distinto do que temos hoje em PB. Em outras palavras, perceberemos que a análise minuciosa – mas meramente sincrônica – das formas pronominais *você* e *cê* permite-nos afirmar que *cê* não é uma simples evolução de *você* – como é tacitamente aceito nos estudos pronominais em PB –, nem uma versão clítica desse pronome, mas antes **um novo tipo de pronome**, de uso especializado, com características sintáticas e prosódicas próprias. Isso quer dizer que, ainda que o pronome *você* esteja passando por um processo de gramaticalização – como atestam os diversos trabalhos de Vitral e Ramos (vide a seção de Referências), por exemplo –, o pronome *cê* tem uso restrito como pronome pessoal, pois, como veremos, pode figurar apenas em alguns contextos sintáticos e prosó-

dicos restritos. Pensamos, assim, que o pronome *você* não poderá dar lugar ao *cê*, como discutiremos na seção 2, quando apresentarmos evidências em favor de nossa análise.

2. Análises com *você* e *cê*

A partir de testes que efetuamos – com base, especialmente, nos testes apresentados em Vitral e Ramos (2006) – com o pronome *cê*, queremos contribuir para o interessante debate a respeito do *status* desse pronome em PB. Para alguns (VITRAL, 1996; RAMOS, 1997; PERINI, 2002; BAGNO, 2011), *cê* deve ser considerado um pronome clítico, tal como *me*, *te* ou *se*. Por outro lado, de acordo com a análise de Petersen (2008), *cê* deve ser entendido como um pronome fraco – na terminologia proposta por Cardinalletti e Starke (1999). Finalmente, há quem entenda que *cê* não seja um pronome clítico *per se*, i.e., não seja um clítico prototípico como *me*, *te* ou *se*, por exemplo (cf. VITRAL; RAMOS, 2008, e NASCIMENTO, 2010), ainda que não defenda seu *status* de pronome tônico ou fraco.

De qualquer maneira, interessamo-nos pelo debate e começamos estudando a distribuição sintática desse pronome. Contudo, o que nos chamou a atenção, no final das contas, foram as propriedades de distribuição prosódica do pronome, como veremos nesta seção. Aqui, tentaremos mostrar o que o pronome *cê* **não é**: nem um pronome tônico nem um pronome clítico. Começaremos efetuando alguns testes de julgamento no uso dos pronomes *você* e *cê*, seguindo as propostas de Vitral e Ramos (2006), Petersen (2008) e Nascimento (2010). Na primeira parte (2.1), daremos destaque para as posições sintáticas em que os pronomes *cê*, *você* e os clíticos em PB podem ou não podem aparecer. Veremos que há muitas evidências no comportamento sintático de *cê* que corroboram nossa afirmação de que ele não é um pronome tônico nem um pronome clítico.

2.1. Testes de gramaticalidade e aceitabilidade de cunho sintático

Nesta subseção, apresentaremos alguns testes que vão elucidar pontos concernentes ao comportamento sintático do pronome *cê*, especialmente quando comparamos sua distribuição sintática à do pronome tônico *você* e à dos pronomes clíticos em PB. Primeiramente, apresentaremos os testes que realizamos sem nos atermos à análise propriamente dita. Deixamos a discussão dos resultados desses testes para o final desta subseção.

O primeiro teste diz respeito à função sintática de sujeito da frase. Tanto *você* como *cê* podem ocupar o papel de sujeito preposto ao verbo de uma oração principal. Isso serve de indício para apontar que *cê* não é um pronome clítico (ao menos, não um clítico prototípico), uma vez que, em PB, os membros do grupo “pronomes clíticos” não desempenham o papel de sujeito de orações principais, como vemos nas frases abaixo:⁵

- 1) Aí **você** chega pra mim e diz que tá tudo errado.
- 2) Aí **cê** chega pra mim e diz que tá tudo errado.
- 3) *Aí **te** chega pra mim e diz que tá tudo errado.

Entretanto, vemos que a situação muda quando temos um sujeito posposto ao verbo. Repare que apenas o pronome *você* pode figurar na posição de sujeito posposto ao verbo, como vemos abaixo (o clítico, como antes, não pode ocupar a posição de sujeito):

- 4) Aí chega **você** pra mim e diz que tá tudo errado.
- 5) *Aí chega **cê** pra mim e diz que tá tudo errado.
- 6) *Aí chega **te** pra mim e diz que tá tudo errado.

Nesse aspecto, o *cê* apresenta a mesma restrição que um pronome clítico em PB, isto é, nenhum dos dois pode ocupar a posição de sujeito posposto. Contudo, outro teste que serve como argumento contrário à classificação de *cê* como clítico é com um elemento interpolado. O pronome *cê*, assim como o tônico *você*, aceita elementos interpolados entre sua posição e a posição do verbo. A mesma coisa, contudo, não ocorre com os clíticos, como atestamos a seguir⁶:

- 7) **Você** vive bem no RS.
- 8) **Você não** vive bem no RS.

- 9) **Cê** vive bem no RS.
- 10) **Cê não** vive bem no RS.
- 11) ***Não cê** vive bem no RS.

- 12) **Se** vive bem no RS.
- 13) ***Se não** vive bem no RS.
- 14) **Não se** vive bem no RS.

Usamos a partícula negativa *não* como elemento interpolado entre o pronome e o verbo por um motivo peculiar: na história do português, essa partícula já pôde aparecer entre um clítico e seu verbo regente, em frases como *Até ele o não pode fazer*.⁷ Entretanto, como vemos nos exemplos (12) a (14) acima, o PB de hoje desautoriza sentenças com a interpolação da partícula negativa entre o clítico e o verbo. Curiosamente, o pronome *cê* tem, nesse sentido, o mesmo comportamento de um pronome tônico, como *você*. Repare que outros elementos prosodicamente “mais pesados” (tais como advérbios polissilábicos) também podem figurar entre o *cê* e seu verbo (*Cê definitivamente vive bem no RS*), ao passo que nunca entre o clítico e o verbo (**Se definitivamente vive bem no RS*). Ou seja, assim como um pronome tônico, a forma pronominal *cê* não precisa estar diretamente adjacente ao verbo, aceitando um elemento interpolado nessa posição.

Outro teste que realizamos foi com o *cê* na posição de complemento verbal. Esse contexto sintático nos trouxe dados interessantes. Repare nos exemplos abaixo:

15) A Maria viu **você\ele\nós** na festa ontem.

16) *A Maria viu **cê** na festa ontem.

17) ?A Maria viu-**se\te\nos** na festa ontem.

Em posição de complemento verbal *in situ*, ou seja, após o verbo, apenas o pronome tônico pode aparecer.⁸ O exemplo (16), com o *cê* é agramatical em PB, enquanto o (17) é atestado apenas em linguagem monitorada, em PB, a posição preferencial de um pronome clítico como complemento verbal é a posição proclítica, como atestam diversos trabalhos⁹ e como vemos em (20), abaixo.

Como objeto do verbo em posição **pré-verbal**, a situação é diferente: nem o tônico *você* nem *cê* podem aparecer, ao contrário do que ocorre com os pronomes clíticos:

18) *A Maria **você** viu na TV ontem¹⁰.

19) *A Maria **cê** viu na TV ontem.

20) A Maria **se** viu na TV ontem.

Analisando esses dois últimos casos, podemos notar dois fatos interessantes:

a) há uma clara distribuição complementar entre os pronomes tônicos e os clíticos. Enquanto o primeiro tipo de pronome pode ocupar apenas a posição

pós-verbal (*vide* a gramaticalidade de (15) e a agramaticalidade de (18)), o pronome clítico ocupa – preferencialmente – apenas a posição “pré-verbal” (proclítica) quando objeto do verbo.

b) O pronome *cê*, diferentemente dos tônicos e dos clíticos, simplesmente não pode desempenhar a função de complemento verbal, como vemos nos exemplos agramaticais em (16) e (19), nem em posição pré-verbal\proclítica, nem em posição pós-verbal\enclítica.

Essas duas observações são muito interessantes para nossa análise, porque mostram que o pronome *cê* “não faz falta” no quadro de pronomes-complemento no inventário do PB. Ou seja, com a função de complemento do verbo, podemos usar tanto clíticos como pronomes tônicos – a diferença está em manter uma estrutura SVO (com umônico na posição de objeto) ou alterar a estrutura para SOV para acomodar o clítico em posição proclítica, dada a direção de cliticização do PB (discutimos esse ponto com algum detalhe em OTHERO, 2012). Isso nos leva a crer que o pronome *cê* seja um pronome **especializado** que só possa atuar como sujeito do verbo e não como complemento; voltaremos a esse ponto adiante.

Vejam mais um caso em que o pronome *cê* tem o mesmo comportamento de um clítico. Na posição de complemento de preposição, o pronome *cê* não pode aparecer, como vemos nos exemplos a seguir:

- 21) Eu entreguei pra **você** o livro da Maria.
- 22) *Eu entreguei pra **cê** o livro da Maria¹¹.
- 23) *Eu entreguei pra **te** o livro da Maria.

A diferença aqui é que **apenas** os pronomes tônicos figuram na posição de complemento de preposição. O pronome *cê*, nesses casos, se comporta como um clítico, ou seja, não encontramos nem clíticos nem *cê* como complemento de preposição em PB.¹² Acreditamos que **o clítico** não possa funcionar como complemento de preposição por fatores de ordem prosódica (que exploraremos com mais detalhe na seção 2.2). O motivo por que o *cê* não figura como complemento de preposição pode ter duas explicações: uma explicação de proeminência prosódica (cf. seção 2.2), outra explicação **morfossintática**, que começamos a esboçar (a saber: que o *cê* é um pronome que pode desempenhar apenas a função de **sujeito gramatical**).

Em resumo, temos o seguinte quadro sobre o comportamento sintático de *você*, *cê* e os clíticos em PB, de acordo com os seis testes que apresentamos até aqui:¹³

QUADRO 1

Propriedades sintáticas dos pronomes tônicos, dos clíticos e do *cê*

Tipo de pronome Função sintática	Pronomes tônicos <i>você</i>	Pronomes clíticos <i>se</i>	Pronome <i>cê</i> ¹
Sujeito preposto	✓	*	✓
Sujeito posposto	✓	*	*
Com elemento interpolado	✓	*	✓
Complemento verbal em estrutura SVO	✓	* ²	*
Complemento verbal em estrutura SOV	*	✓	*
Complemento de preposição	✓	*	*

Repare como os pronomes tônicos e os clíticos estão em clara distribuição complementar. Ou seja: nos testes em que encontramos frases gramaticais com pronomes tônicos, encontramos frases agramaticais com clíticos e vice-versa. Dos seis contextos sintáticos estudados, os pronomes tônicos podem aparecer em cinco deles. Em apenas um contexto, eles formam frases agramaticais (a saber, como complementos verbais em estruturas SOV). Com os clíticos, o quadro se inverte: é justamente nesse contexto que eles podem aparecer. Nos demais, formam seqüências agramaticais (ver nota 15, contudo).

O pronome *cê*, por sua vez, tem alguma semelhança com os pronomes tônicos e alguma semelhança com os clíticos. Repare que, para cada teste, ele se comporta como um pronome distinto: como **sujeito preposto**, tem o mesmo comportamento de um **tônico**; como **sujeito posposto**, comporta-se como um **clítico**; com **elemento interpolado**, funciona como um **tônico**; como **complemento verbal em estrutura SVO**, comporta-se como um **clítico**; como **complemento verbal em estrutura SOV**, comporta-se como um **tônico**; finalmente, como **complemento de preposição**, comporta-se como um **clítico**.

Repare também que nem o *cê* nem os clíticos podem ser usados em três contextos sintáticos em que os pronomes tônicos podem aparecer (como sujeito posposto, como complemento verbal e como complemento de preposição). Em outras palavras, o *cê* tem mais afinidade com um clítico por causa de sua **impossibilidade** de figurar em determinados contextos do que por sua **possibilidade** de figurar num contexto sintático em comum. Daí, concluímos que o *cê* não pode

ser considerado um pronome clítico no quadro pronominal do PB. E nem um pronome tônico, evidentemente.

Aprofundando um pouco mais a análise dos testes de gramaticalidade e aceitabilidade do *cê*, dois fatos nos chamaram a atenção:

i) Morfossintaticamente, o *cê* parece ser um pronome que pode exercer exclusivamente a função de sujeito verbal, uma vez que não pode aparecer na posição de complemento verbal nem de complemento de preposição. O pronome *você* (assim como os demais pronomes tônicos),¹⁶ ao contrário, pode figurar em qualquer função sintática na oração (daquelas aventadas pelos testes que apresentamos). E os clíticos, por sua vez, podem desempenhar a função de complemento verbal apenas (as frases em que figuram como sujeito e como complemento de preposição são agramaticais, como vimos).

ii) Entretanto, se essa ideia estivesse correta e completa, esperaríamos que o *cê* pudesse figurar **apenas** e **sempre** como um sujeito. Apesar de ele atuar **apenas** como sujeito, ele não pode atuar **sempre** como sujeito. Como vimos, *cê* pode aparecer como sujeito preposto mas não posposto. Em outras palavras, a explicação de cunho morfossintático em (i) parece ser **necessária**, mas não é **suficiente**. Isso nos leva a crer que exista uma explicação complementar, de natureza prosódica. Repare que o *cê* parece não ter força acentual para ficar à direita de um agrupamento prosódico, em que se espera que apareçam elementos prosodicamente mais fortes.¹⁷

Em resumo, aparentemente temos uma explicação de cunho sintático e uma de cunho prosódico para a distribuição do *cê* em PB. Se contássemos somente com a explicação (i), de natureza morfossintática, conseguiríamos explicar corretamente por que o pronome *cê* **não pode** aparecer como complemento verbal nem como complemento de preposição (a saber: pelo fato de ele ser um pronome especializado para a função de sujeito). E, com isso, explicaríamos corretamente o fato de ele **poder** desempenhar o papel de sujeito preposto. Contudo, falharíamos em explicar por que ele **não pode** aparecer na posição de sujeito posposto.

Por outro lado, se usássemos apenas a explicação que esboçamos em (ii), de natureza prosódica, conseguiríamos explicar por que o *cê* **não pode** desempenhar o papel de complemento do verbo nem da preposição. Da mesma forma, conseguiríamos explicar corretamente por que esse pronome **pode** desempenhar o papel de sujeito preposto, mas **não** de sujeito posposto. Entretanto, não conseguiríamos explicar por que o *cê* **não pode** aparecer na posição de comple-

mento verbal em estrutura SOV (tal como um pronome clítico, por exemplo). Nesse tipo de construção, o pronome complemento aparece à esquerda do agrupamento prosódico que forma com o verbo. É por isso que os clíticos são usados nesse contexto: *João [se viu] ontem vs. *João [cê viu] ontem*. Em outras palavras, se a explicação prosódica fosse suficiente, o *cê* poderia aparecer nessa posição; o que, de fato, não ocorre.

Devido a isso, acreditamos que essas duas condições – de diferentes módulos da gramática – estejam atuando paralelamente na distribuição do pronome *cê*: em termos morfossintáticos, *cê* é um pronome especializado de função de sujeito gramatical que, prosodicamente, **não tem força acentual suficiente** para aparecer à direita de um agrupamento prosódico. Sendo assim, ele é um pronome de um tipo diferente do pronome pessoal tônico e do pronome clítico (tanto por suas características morfossintáticas, como vimos, como por suas características prosódicas, como veremos com mais detalhe em 2.2).

Podemos perceber isso também em dois outros testes, que não apresentamos anteriormente. O primeiro diz respeito ao uso de um pronome em posição de objeto de um verbo e sujeito de outro, em lexias verbais complexas. Nesse caso, aparentemente, os três tipos de pronomes podem aparecer (ainda que com uma diferença na posição do clítico):

- 24) Eu vi **você** chegando tarde em casa ontem.
- 25) Eu vi **cê** chegando tarde em casa ontem.
- 26) Eu **te** vi chegando tarde em casa ontem.

Repare que aqui os três tipos diferentes de pronomes podem figurar, aparentemente, na mesma construção. Entretanto, acreditamos que existam três explicações distintas para essa distribuição. Cada uma das explicações envolve as propriedades específicas de cada tipo de pronome. Separemos por itens cada explicação, a fim de torná-las claras:

a) o **pronome tônico** pode aparecer naquela posição – e somente nela – porque é sua posição prototípica tanto para objeto (*Eu vi **você** chegando tarde em casa ontem*, posição pós-verbal, em relação ao verbo *ver*), como para sujeito (preposto ao verbo *chegar*, assumindo que o português seja uma língua SVO).¹⁸

b) o **pronome *cê*** aparentemente aparece em posição de complemento do verbo (ao contrário do que mostramos nos testes anteriores). Contudo, essa posição é autorizada pelo fato de ele ser também sujeito do verbo *chegar* (*Eu vi **cê** chegando tarde em casa ontem*). Ou seja: em (25), *cê* é sujeito do verbo *chegando*.¹⁹

c) o **pronome clítico** aparece em sua posição prototípica de objeto, isto é, em posição proclítica (*Eu te vi chegando tarde em casa ontem*).

Outro teste interessante diz respeito à participação do *cê* em estrutura de coordenação. Aqui, podemos perceber como os dois princípios – sintático e prosódico – atuam simultaneamente. O pronome *cê*, como dissemos, pode aparecer na função de sujeito do verbo e deve aparecer à esquerda do agrupamento prosódico, dado seu caráter acentual “fraco”. Repare, então, nas frases abaixo, em que temos uma estrutura coordenada:

27) Você e ela podem sair mais cedo, se preferirem.

28) [Cê e ela] podem sair mais cedo, se preferirem.

29) Ela e você podem sair mais cedo, se preferirem.

30) *[Ela e cê] podem sair mais cedo, se preferirem.

Nos exemplos (28) e (30), percebemos a atuação da restrição prosódica que esboçamos em (ii) Afinal, em ambas as frases, o pronome *cê* desempenha o papel sintático de sujeito do verbo. Entretanto, em (28), ele se encontra à esquerda do agrupamento prosódico, enquanto em (30) ele está à direita – o que não é permitido por causa da restrição prosódica. A frase é, conseqüentemente, agramatical – o que parece indicar que, se há realmente duas restrições (sintática e prosódica) atuando em conflito aqui, a restrição prosódica é mais importante do que a sintática. Seguindo essa linha de raciocínio, repare nos exemplos a seguir, em que o *cê* aparece como sujeito posposto ao verbo, também como elemento coordenado:

(31) Até agora só chegaram você e ela.

(32) Até agora só chegaram [cê e ela].

(33) Até agora só chegaram ela e você.

(34) *Até agora só chegaram [ela e cê].

Nesses exemplos, o *cê* pode atuar como sujeito posposto (ao contrário do que tínhamos visto nos testes anteriores). Isso porque ele pode fazer parte do agrupamento [cê e ela]. Em (32) e (34), percebemos que as duas restrições estão novamente em jogo: *cê* pode atuar como sujeito (preposto ou posposto, dada sua natureza morfossintática), desde que fique à esquerda de seu agrupamento pro-

sódico (dada sua natureza prosódica). Ou seja: a impossibilidade de *cê* aparecer na posição de sujeito posposto desaparece, uma vez que o *cê* faz parte do agrupamento prosódico [*cê* e *ela*].

Finalmente, abaixo, apresentamos exemplos em que o *cê* aparece na função de objeto, também em estruturas com elementos coordenados. Se nossa hipótese de que *cê* seja um pronome especializado de sujeito estiver correta, as frases abaixo não devem ser boas. Vejamos:

(35) Eu vi você e ela juntos.

(36) ?Eu vi [*cê* e *ela*] juntos.

(37) Eu vi ela e você juntos.

(38) *Eu vi [*ela* e *cê*] juntos.

O exemplo (36) é muito interessante, porque mostra claramente um conflito entre as condições propostas em (i) e (ii). Como dissemos acima, seguindo nossa hipótese em (i), o pronome *cê* não poderia desempenhar o papel de objeto do verbo. Entretanto, em (36), a condição prosódica (ii) é satisfeita (i.e. o *cê* aparece à direita do agrupamento prosódico). Como resultado, temos que a frase (36) – para nosso julgamento – não é agramatical, mas tampouco é completamente bem formada em PB (daí termos assinalado um ?). Esse julgamento marginal – para nosso dialeto – parece mostrar que realmente há dois princípios atuando na distribuição do pronome *cê*,²⁰ e aqui, mais uma vez, vemos que eles entram em conflito. Repare também que o exemplo (38) é claramente agramatical, justamente porque viola tanto (i) como (ii). Ou seja, em (38), *cê* desempenha o papel de objeto do verbo e, além disso, está à direita de seu grupo prosódico. Esquematizamos esses últimos dados no quadro abaixo:

QUADRO 2

Violação das restrições em estruturas coordenadas

	Restrição prosódica	Restrição sintática
(28) [Cê e ela] podem sair mais cedo, se preferirem.	✓	✓
(32) Até agora só chegaram [cê e ela].	✓	✓
(38) ?Eu vi [cê e ela] juntos.	✓	*
(30) *[Ela e cê] podem sair mais cedo, se preferirem.	*	✓
(34) *Até agora só chegaram [ela e cê].	*	✓
(36) *Eu vi [ela e cê] juntos.	*	*

O QUADRO 2 mostra justamente que as frases gramaticais de fato são aquelas que respeitam às duas restrições que apresentamos. Quando temos, em (38) uma frase que respeita apenas a restrição prosódica – e viola a sintática –, nosso julgamento sobre a frase fica no limite da gramaticalidade. Já com os exemplos (30), (34) e (36), que violam a restrição prosódica (ou as duas restrições, no caso de (36)), temos um claro julgamento de agramaticalidade.²¹

Uma conclusão que já podemos antecipar, a partir do que apresentamos nesta seção, é que o pronome *cê* não tem o mesmo comportamento **sintático** de um pronome tônico, **nem** de um pronome clítico. Outra conclusão a que já podemos chegar é que o pronome *cê* não tem a mesma força acentual de um pronome tônico. E uma outra conclusão a que **poderíamos** chegar é que o *cê* tem a mesma força prosódica que um clítico – afinal, nenhum dos dois pode aparecer à direita do agrupamento prosódico, como vimos. Contudo, tentaremos mostrar, na próxima seção, alguns argumentos que apontam para o fato de que o pronome *cê* deva ser considerado **um tipo diferente** de pronome – não apenas porque suas propriedades morfossintáticas são peculiares, como vimos aqui, mas também porque seu comportamento prosódico é distinto tanto dos pronomes tônicos (como já antecipamos nesta seção) como dos clíticos (como mostraremos a seguir).

2.2. Testes de cunho prosódico

Uma das motivações iniciais de nosso estudo sobre o pronome *cê* foi a investigação de suas propriedades sintáticas. No entanto, como vimos, apenas com explicações sintáticas, não conseguimos dar conta da distribuição do *cê*. Por isso, investigamos algumas propriedades prosódicas (como apontamos na seção

anterior) e fonético-fonológicas desse pronome. Observamos que o *cê* não pode aparecer ao lado direito do grupo prosódico. Vejamos novamente os exemplos:

5) *Aí [chega **cê**] pra mim e diz que tá tudo errado.

16) *A Maria viu [**cê**] na festa ontem.

22) *Eu entreguei [pra **cê**] o livro da Maria.

Como sujeito posposto, complemento do verbo ou de preposição, *cê* não tem força acentual para estar à direita do núcleo. Essa propriedade é compartilhada com os clíticos, que se adjungem à esquerda do verbo e não à direita, como em português europeu (ver referências da nota 9). Além disso, o *cê* (assim como os clíticos) não pode figurar numa estrutura de topicalização, como vemos em (39) e (40), abaixo

(38) **Você**, a Maria disse que viu ontem no cinema.

(39) ***Cê**, a Maria disse que viu ontem no cinema.

(40) ***Te**, a Maria disse que viu ontem no cinema.

Até aqui, portanto, o *cê* aparentemente apresenta o mesmo comportamento prosódico de um clítico. Veja a sistematização no QUADRO 3:

QUADRO 3
Propriedades prosódicas dos pronomes tônicos, clíticos e do *cê*

Tipo de pronome	Pronomes tônicos	Pronomes clíticos	Pronome <i>cê</i>
Teste prosódico	<i>Você</i>	<i>se</i>	
Aparece à direita do agrupamento prosódico	✓	*	*
Aparece à esquerda do agrupamento prosódico	✓	✓ ¹	✓
Aparece isolado	✓	*	*

Enquanto o pronome tônico tem autonomia prosódica e pode figurar em qualquer desses três contextos, os clíticos e o pronome *cê* só podem aparecer naqueles contextos em que estão à esquerda do agrupamento prosódico. Poderíamos

concluir, a partir de uma análise superficial, que o comportamento prosódico de *cê* é igual ao de um clítico. No entanto, Vitral e Ramos (2006) apresentam um teste de pronúncia que mostra que o pronome *cê* tem duração (D) e intensidade (I) diferentes dos clíticos. A julgar pelos resultados apresentados por eles, o pronome *cê* parece estar “no meio do caminho” entre um clítico e um pronome tônico no que diz respeito à sua força acústica. O objetivo desse teste de pronúncia era examinar se a intensidade e a duração da forma pronominal *cê* era comparável às da partícula *se* (um clítico), ou às do item *Zé* (um monossílabo tônico). Para a realização de tal análise, foram feitas gravações com informantes. O teste consistiu na leitura de três pequenos textos, lidos duas vezes por cada informante, nos quais havia algumas sentenças a ser analisadas.²³ Trazemos abaixo os resultados dos testes de Vitral e Ramos (2006):

41a) Como **cê** falou que a gente devia fazer?

I: 36dB

D: 0,137ms

41b) Como **Zé** falou que era mesmo?

I: 41dB

D: 0,170ms

41c) Como **se** falou que a gente devia pronunciar?

I: 33dB

D: 0,137ms

42a) **Cê** sabe de toda a história.

I: 20dB

D: 0,122ms

42b) **Zé** sabe de toda a história.

I: 27dB

D: 0,217ms

42c) **Se** sabe de toda a história.

I: 18dB

D: 0,117ms

43a) Quem **cê** disse que viajou junto?

I: 23dB

D: 0,156ms

43b) Quem **Zé** disse que saiu de casa?

I: 26dB

D: 0,196ms

43c) Quem **se** disse que foi comigo?

I: 20dB

D: 0,134ms

Vital e Ramos (2006) apresentam também a média dos valores encontrados, ao considerarmos todos os ambientes. Trazemos esse resultado na TAB. 1 abaixo:

TABELA 1
Média de intensidade (I) e duração (D)

	Se	Cê	Zé
Intensidade	23,6dB	26,3dB	31,3dB
Duração	0,129ms	0,138ms	0,194ms

Repare que, tanto em termos de intensidade como de duração, há uma escala que vai dos menores valores (nas realizações do clítico) aos maiores valores (nas realizações do monossílabo tônico). O pronome *cê*, como dissemos anteriormente, está no “meio do caminho” entre o clítico e o monossílabo tônico. Esse teste de Vital e Ramos (2006) mostra que o pronome *cê* tem propriedades prosódicas distintas de um clítico e de uma forma tônica, o que serve de argumento para corroborar nossa tese de que *cê* é realmente uma forma nova na língua e não pode ser considerado um clítico – nem por suas propriedades morfossintáticas, como vimos, nem por suas propriedades acentuais ou prosódicas.

Outro argumento que mostra a diferença entre o pronome *cê* e os clíticos no que diz respeito às suas características fonéticas é fato de esse pronome não sofrer o processo de alçamento da vogal, ao contrário do que ocorre com os clíticos, como podemos observar nos exemplos que seguem:

- 44a) **Me** contaram que **nos** viram quando **te** chamei pra sair ontem.
 44b) [me] contaram que [nos] viram quando [te] chamei pra sair ontem.
 44c) [mi] contaram que [nus] viram quando [tʃi] chamei pra sair ontem.
- 45a) **Se** vive bem aqui.
 45b) [se] vive bem aqui.
 45c) [si] vive bem aqui.
- 46a) **Cê** sabe que **cê** vive bem aqui, né?
 46b) [se] sabe que [se] vive bem aqui, né?
 46c) *[si] sabe que *[si] vive bem aqui, né?

Abaixo, sistematizamos essas diferenças nas propriedades acentuais entre clíticos e o pronome *cê*, que – na falta de melhor “rótulo”, chamamos agora de *pseudoclítico*²⁴.

QUADRO 4
 Propriedades prosódicas dos clíticos e do *cê*

	Pronomes clíticos <i>se</i>	Pronome <i>pseudoclítico</i> <i>cê</i>
Duração e intensidade curtas	✓	*
Duração e intensidade intermediárias	*	✓
Alçamento de vogal	✓	*

A partir da leitura do QUADRO 4, podemos perceber de maneira bem clara que o pronome *cê* tem propriedades prosódico-acentuais bastante diferentes das dos clíticos. Enquanto os clíticos tiveram duração e intensidade curtas nos testes de Vitral e Ramos (2006), o *cê* teve duração e intensidade intermediárias. E enquanto os clíticos permitem alçamento da vogal, isso nunca ocorre com o pronome *cê*.

3. Considerações Finais

Nosso ponto central é que o pronome *cê* não pode ser considerado um pronome clítico nem um pronome tônico. Por falta de espaço, não vamos trabalhar com a hipótese de Petersen (2008), que propõe a aplicação das ideias de Cardinaletti e Starke (1999), sobre a tripartição dos pronomes em PB entre clíticos, pronomes fracos e pronomes tônicos.

De qualquer maneira, mostramos que *cê* tem comportamento sintático e prosódico bem peculiar: ele é um pronome especializado para a função de sujeito do verbo em PB, que tem força acentual intermediária entre um tônico e um clítico. Como um clítico, ele não pode ser usado sozinho (em uma estrutura de topicalização, por exemplo) e precisa de um elemento prosódico em quem se apoiar. A direção de cliticização em PB (da direita para a esquerda) é respeitada pelo *cê*. Entretanto, por ter força acentual um pouco maior que a força dos clíticos (como mostramos em 2.2), esse pronome não precisa formar um grupo prosódico com seu elemento regente e aceita elementos interpolados (como vimos acima e como mostra NASCIMENTO, 2010).

Em resumo, o pronome *cê* é um pronome novo na língua, provavelmente uma partícula com as mesmas propriedades prosódicas que outras formas inovadoras, como *es*, *eis*, *a'ente*, *ente*, *tá* e *num* (estudados por NASCIMENTO, 2010; CASTILHO, 2010), mas com suas características sintáticas particulares, como vimos. Tudo isso, do nosso ponto de vista, é extremamente interessante, porque é incomum testemunharmos a criação de uma nova forma em uma classe gramatical fechada, como a classe dos pronomes.

Notas

¹ Uma versão preliminar deste trabalho foi apresentada no X Encontro do CELSUL, em outubro de 2012.

² Agradeço, pela leitura e pela discussão deste trabalho, aos colegas Caroline Ozório Wink, Flávio Martins de Araújo, João Paulo L. Cyrino, Maria Cristina Figueiredo Silva, Mário Perini, Maximiliano Guimarães e Sérgio de Moura Menuzzi. Qualquer equívoco presente no texto é de minha inteira responsabilidade.

³ Como Andrade (2004) e Ciriaco, Vitral e Reis (2004).

⁴ O pronome *você* é de uso generalizado no Brasil desde, pelo menos, o século 18. A peça

de teatro *O periquito do ar*, de Rodrigues Maia, escrita por volta de 1800, já trazia esse pronome na fala de um personagem que tenta representar caricaturalmente um brasileiro típico. Ou seja, usar *você* era, à época, considerado uma característica típica do português falado no Brasil. Cf. Noll (2008) e Basso e Gonçalves (no prelo).

⁵ Entretanto, há uma discussão interessante sobre o clítico *se* com papel temático de argumento externo em Nunes (1991).

⁶ Interessantemente, outros *pseudoclíticos* do PB, como *es, eis, a'ente, ente, tá e num* “também permitem que constituintes ocorram numa posição intermediária entre eles e o verbo”, como mostra o trabalho de Nascimento (2010, p. 618). Retornaremos a esse ponto no final do texto.

⁷ A esse respeito, cf. Vitral e Ramos (2006), Namiuti (2008, 2009) e Nascimento (2010), por exemplo.

⁸ Alguns pronomes tônicos ainda têm aceitabilidade irregular na posição de objetos do verbo, como os pronomes *eu* (A Maria viu **eu**) e *tu* (A Maria viu **tu**). Tratamos do assunto em Othero; Finkenauer; Wink (2011).

⁹ Sobre a posição dos pronomes tônicos e clíticos como objeto do verbo em PB, a literatura é vasta. Remetemos o leitor a Pagotto (1993), Vieira (2002) e Brisolara (2008), por exemplo.

¹⁰ Devemos entender essa frase como tendo a estrutura SOV, assim como (19) e (20).

¹¹ Repare que o pronome *ocê* poderia aparecer aqui (*Eu entreguei **procê** o livro da Maria*). Entretanto, não estamos discutindo o *status* de *ocê*, mas de *cê* – acreditamos que o pronome *ocê* tenha exatamente o mesmo comportamento sintático e prosódico de *você*; *ocê* é, portanto, um pronome tônico do PB.

¹² De acordo com Petersen (2008), entretanto, é possível encontrarmos em PB as formas *p'cê* [pse] e *c'cê* [kse], reduzidos de *pra cê* e *com cê*. Vitral e Ramos (2008) refutam tais dados e a análise proposta por Petersen. Para nosso dialeto, essas formas também não são possíveis. Concordamos com eles que a análise de Petersen, nesse caso particular, não está adequada.

¹³ Marcamos ✓ para uma frase bem formada e * para uma frase mal formada.

¹⁴ Para Petersen (2008), o pronome *cê* é um pronome fraco. Petersen usa a nomenclatura sugerida por Cardinaletti e Starke (1999). Por questões de espaço, não iremos efetuar os testes propostos por Cardinaletti e Starke para confirmar ou refutar a análise de Petersen (uma crítica feita à proposta de Petersen, 2008, pode ser vista no trabalho de Vitral e Ramos, 2008).

¹⁵ Colocamos um asterisco aqui porque os pronomes clíticos, em PB, aparecem preferencialmente em posição proclítica, dada a direção de cliticização da língua (Cf. referências da nota 9).

¹⁶ Ver, contudo, advertência da nota 8.

¹⁷ Cf. Nespor e Vogel (1986), Costa (1998), entre outros. Para análises que discutem o assunto em PB, cf. Menuzzi e Miotto (2006) e Othero e Menuzzi (2009).

¹⁸ Cf. Ambar (1992), Figueiredo Silva (1996), Costa (1998), entre outros.

¹⁹ A segmentação prosódica de (28) é [Eu] [vi] [cê chegando] [tarde] [em casa] [ontem]. Gostaríamos de desenvolver essa análise aqui, mas por questões de espaço, deixaremos esse assunto para trabalhos futuros.

²⁰ Aliás, isso pode ser mais uma evidência de que o princípio prosódico pode ser mais importante do que o princípio de natureza morfossintática na distribuição de *cê*.

²¹ Esse tipo de análise (com princípios de diferentes componentes gramaticais, com princípios que podem ser violados, com ranqueamento entre os princípios, etc.) é muito comum para o modelo da Teoria da Otimidade (cf. PRINCE; SMOLENSKY, 1993, McCARTHY; PRINCE, 1993, e numerosos trabalhos posteriores). Não iremos desenvolver a análise em TO aqui, mas pretendemos formalizar essa análise dentro do quadro da TO em trabalhos futuros.

²² Somente se, à sua direita, estiver seu elemento regente, como vimos nos exemplos (12), (13) e (14).

²³ Remetemos o leitor a Vitral e Ramos (2006) para os detalhes do teste.

²⁴ Como dissemos ao longo do texto, não acreditamos que o *cê* possa ser chamado de *clítico* nem de *tônico*. Tampouco podemos chamá-lo aqui de *pronome fraco*, uma vez que (i) não realizamos os testes propostos por Cardinaletti e Starke (1999) e (ii) não estamos assumindo a análise de Petersen (2008), dada a crítica de Vitral e Ramos (2008) a esse trabalho. Na falta de um “rótulo” melhor, adotamos o termo *pseudoclítico*, já que o *cê* pode ser um pronome em processo diacrônico de cliticização, como apontado pelos muitos trabalhos de Vitral e Ramos. Nosso ponto central aqui é, de qualquer forma, defender a ideia de que o *cê* é uma forma nova na língua, que não pode ser incluída nem no grupo dos pronomes tônicos, nem no grupo dos clíticos.

Referências

- AMBAR, M. *Para uma sintaxe da inversão sujeito-verbo em português*. Lisboa: Edições Colibri, 1992.
- ANDRADE, L. V. S. *A variação de Você, Cê e Oê no português brasileiro falado*. Dissertação de Mestrado. Brasília: Universidade de Brasília, 2004.
- BAGNO, M. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- BASSO, R.; GONÇALVES, R. T. *História concisa da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes. (No prelo)
- BRISOLARA, L. B. *Os clíticos pronominais do português brasileiro e sua prosodização*. (Tese de Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, Porto Alegre, 2008.
- CARDINALETTI, A.; STARKE, M. The typology of structural deficiency: on the three

- grammatical classes. In: RIEMSDIJK, H. (Ed.) *Clitics in the Languages of Europe, Empirical Approaches to Language Typology*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1999.
- CASTILHO, A. T. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.
- CIRÍACO, L.; VITRAL, L.; REIS, C. Intensidade e duração de formas reduzidas do português brasileiro. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 12, n. 2, 2004.
- COSTA, J. *Word order variation – a constraint-based approach*. The Hague, Holland Academic Graphics, 1998.
- FIGUEIREDO SILVA, M. C. *A Posição do sujeito no português brasileiro*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1996.
- ILARI, R.; BASSO, R. *O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos*. São Paulo: Contexto, 2006.
- LORENGIAN-PENKAL, L. Variação você(s) e cê(s) em Irati, Paraná. In: ENCONTRO DO CELSUL, 10, 2012, Cascavel - PR. *Resumos dos trabalhos apresentados...* Universidade Estadual do Oeste do Paraná / Unioeste, Cascavel, 2012.
- McCARTHY, J.; PRINCE, A. *Prosodic Morphology I: constraint interaction and satisfaction*. University of Massachusetts, Amherst, and Rutgers University, New Brunswick, N. J., 1993. (Manuscrito).
- MENUZZI, S.; MIOTO, C. Advérbios monossilábicos pós-verbais no PB: sobre a relação entre sintaxe e prosódia. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 14, n. 2, 2006.
- MOURA NEVES, M. H. Os pronomes. In: ILARI, R.; NEVES, M. H. M. *Gramática do português culto falado no Brasil*, v. 3: classes de palavras e construções. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.
- NAMIUTI, C. *Aspectos da história gramatical do português. Interpolação, negação e mudança*. Tese (Doutorado) Unicamp, Campinas, 2008.
- NAMIUTI, C. Negação e diacronia: a estabilidade gramatical diante da variação superficial. CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 6, 2009, João Pessoa – PB. *Anais...* UFPB, 2009.
- NASCIMENTO, I. B. Interpolação de constituintes entre “(vo)cê + verbo”. *Estudos Linguísticos*, 39 (2), 2010.
- NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris, 1986.
- NOLL, V. *O português brasileiro: formação e contrastes*. São Paulo: Globo, 2008.
- NUNES, J. *Se apassivador: contra a absorção de nominativo*. ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL, 5, 1991, Porto Alegre, RS. *Anais...* Porto Alegre: 1991.
- OTHERO, G. A.; MENUZZI, S. M. Distribuição de elementos leves dentro do VP em português: interação entre Sintaxe, Prosódia e Estrutura Informacional em Teoria da Otimidade. *Fórum Linguístico*, v. 6, n. 1, 2009.
- OTHERO, G. A.; FINKENAUER, L.; WINK, C. O. Colocação pronominal em português brasileiro. SEMINÁRIOS EM TEORIA E ANÁLISE LINGUÍSTICA, Porto Alegre, UFRGS, 2011.
- OTHERO, G. A. Estudando a gramática do português brasileiro. In: I ENCONTRO DE GRAMÁTICA: SABERES E FAZERES, 1, 2012, Fortaleza. *Anais...* Fortaleza: Univer-

cidade Federal do Ceará – UFC, 2012.

PAGOTTO, E. G. *A posição dos clíticos em português – um estudo diacrônico*. (1993) Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.

PERINI, M. A. *Modern Portuguese: A Reference Grammar*. Yale University Press, 2002.

PETERSEN, C. A tripartição pronominal e o estatuto das proformas *cê, ocê* e *você*. *D.E.L.T.A.*, v. 24, n. 2, 2008.

PRINCE, A.; SMOLENSKY, P. *Optimality Theory: constraint interaction in Generative Grammar*. RuCCs Technical Report 2, Rutgers University Center for Cognitive Science, Piscataway, N. J., 1993.

RAMOS, J. O uso das formas *você, ocê* e *cê* no dialeto mineiro. In: HORA, D. (Org.) *Diversidade Lingüística no Brasil*. João Pessoa: Ideia, 1997.

VIEIRA, S. R. *Colocação pronominal nas variedades europeia, brasileira e moçambicana*: para a definição da natureza do clítico em português. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Rio de Janeiro, 2002.

VITRAL, L. A forma *cê* e a noção de gramaticalização. *Revista de Estudos da Linguagem*, Ano 5 (4), 1996.

VITRAL, L.; RAMOS, J. *Gramaticalização: uma abordagem formal*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras FALE/UFMG, 2006.

VITRAL, L.; RAMOS, J. Réplica a Petersen (2008). A tripartição pronominal e o estatuto das proformas *Cê, Ocê* e *Você*. *D.E.L.T.A.*, v. 24, n. 2, 2008.

Data de submissão: 24/11/2012

Data de aprovação: 25/01/2013